



ENCONTROS DEMOCRÁTICOS

C I C L O D E D E B A T E S



CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES



Encontros Democráticos são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

A globalização e o choque de civilizações: um mundo de ansiedades e insegurança

O atual cenário mundial, em que atentados terroristas, guerras e conflitos culturais geram insegurança e ansiedade, se deve ao “vácuo de certezas” que se seguiu ao fim da Guerra Fria. Foi o que afirmou o cientista social Guilherme Casarões, palestrante do Encontro Democrático realizado em março de 2017 sobre o tema “Choque de Civilizações”.

Para Casarões, a Guerra Fria - período em que o poder no planeta era disputado entre duas superpotências, Estados Unidos e União Soviética - dava a todos o conforto psicológico de que bastava escolher um lado para se sentir protegido. “Com o fim dessa situação, após a derrocada da URSS, abriu-se espaço para conflitos regionais, tribais e culturais, agravados ainda pelas diferenças entre perdedores e ganhadores do processo de globalização”, disse Casarões, que é professor de Relações Internacionais na ESPM e na EAESP/FGV.

O tema deste debate, como ele lembrou, foi tratado em 1996 pelo cientista político Samuel P. Huntington, que revolucionou o entendimento sobre as relações internacionais com seu *best-seller* “Choque de Civilizações e Reconstrução da Ordem Mundial”. Casarões acredita, porém, que a situação foi além do embate entre civilizações - cujos símbolos são o atentado às torres gêmeas de Nova York, em setembro de 2001, e a posterior invasão do Iraque - passando a ocorrer também no interior das próprias civilizações, sejam elas a ocidental, a muçulmana, a asiática ou outra qualquer.

Para onde, afinal, caminham as nações e seus povos?

Esta é a íntegra da palestra e do debate entre os participantes. Boa leitura.



SERGIO RONDINO: Recentemente, a líder direitista francesa Marine Le Pen foi ao Líbano e se recusou a usar véu para se reunir com um líder religioso local. Seria obrigatório, do ponto daqueles muçulmanos, mas ela simplesmente não aceitou e foi embora. Outro acontecimento recente é que a União Europeia referendou uma lei francesa que autoriza as empresas a proibirem o uso de símbolos religiosos em locais públicos e nas empresas, inclusive. Essas são questões que vêm surgindo frequentemente no noticiário, demonstrando que a globalização parece estar incrementando um conflito que não tinha essa dimensão e constância até pouco tempo atrás.

Foi por isso que pedimos ao professor Guilherme Casarões que viesse aqui ao Espaço Democrático fazer uma palestra para debatermos o tema. Ele é doutor e mestre em Ciências Políticas pela Universidade São Paulo, mestre em Relações Internacionais pela Unicamp, no programa Santiago Dantas, professor em Relações Internacionais na ESPM e na Escola de Administração e Economia da USP. Ele foi *visiting fellow* na Universidade de Tel Aviv e na Universidade de Branden, em Boston. As suas publicações acadêmicas se concentram nas áreas de política externa brasileira, em governança global e relações Brasil-Oriente Médio. Professor, a palavra é sua.

GUILHERME CASARÕES: Eu agradeço a oportunidade de falar sobre um tema que me é muito caro. A gente trabalha com o Brasil, com governança, e tudo isso acaba tocando nos conflitos que estão acontecendo. E esse conflito em particular é algo que realmente chama a atenção, tanto dos especialistas em relações internacionais quanto daqueles que têm algum contato com o noticiário: estamos diante de um novo choque de civilizações? Isso tudo acaba gerando até certa ansiedade sobre o momento que vivemos. Eu vou tentar dar algum sentido para isso - claro, sem a menor pretensão de responder definitivamente a essa questão, mas tentar entender algumas coisas que podem estar por trás disso que a gente está chamando de um novo choque de civilizações.

Eu quero começar nossa conversa pensando no que a gente vive em comparação com o que a gente viveu. Acho que todo mundo aqui - com pouquíssimas exceções, talvez - tenha vivido o período da Guerra Fria. E a Guerra Fria era um período de grande tensão de um lado - a maior preocupação na época era o medo de uma guerra nuclear - mas ao mesmo tempo era um momento na História que nos trazia um grande conforto psicológico porque a gente sabia que, se chovesse ou fizesse sol, dormiríamos e acordaríamos em um mundo em que os Estados Unidos e a União Soviética lideravam os seus



A GUERRA FRIA ERA UM PERÍODO DE GRANDE TENSÃO DE UM LADO – A MAIOR PREOCUPAÇÃO NA ÉPOCA ERA O MEDO DE UMA GUERRA NUCLEAR – MAS AO MESMO TEMPO ERA UM MOMENTO NA HISTÓRIA QUE NOS TRAZIA UM GRANDE CONFORTO PSICOLÓGICO “ ...

Guilherme Casarões

respectivos blocos, as suas esferas de influência e o mundo era, em larga medida, estável. E a instabilidade atual tem implicações, como eu disse, psicológicas. A gente se sente muitas vezes ansioso e angustiado com o que está acontecendo exatamente porque estamos hoje diante de uma grande falta de estabilidade em vários níveis - econômico, político e nas relações internacionais, não podia ser diferente.

Quando a Guerra Fria acabou, parte dessa segurança psicológica foi-se embora. E eu lembro que na época o ex-embaixador Rubens Ricúpero escreveu um texto sobre um mundo de polaridades indefinidas. E essa nomenclatura que ele usou basicamente se referia ao fato de que a gente olhava para o mundo e não via exatamente quem lideraria esse mundo, a gente não conseguia identificar o que viria depois disso, depois do fim de uma ordem mundial que era relativamente estável. E muita gente tentou escrever e pensar a respeito. Não seria o fim de uma ameaça nuclear com o fim da União Soviética? Alguns diziam que sim, outros que não. Seria o início de uma era globalizada? Acho que a grande maioria apostou que sim, algumas pessoas tinham dúvidas a respeito. Seria este mundo após Guerra Fria um mundo em que a democracia triunfaria? Algumas pessoas acreditavam que sim, algumas tinham suas desconfianças.

O que se escreveu a respeito do fim da Guerra Fria apontava para o consenso de um mundo globalizado, democrático, em que as pessoas poderiam finalmente exercer os seus direitos e suas liberdades de uma maneira plena. Os livros da própria época refletem um pouco isso. Vocês provavelmente devem ter ouvido falar num autor chamado Francis Fukuyama, que escreveu, nos anos 1990, um *best-seller* chamado *O Fim*

da *História e o Último Homem*, livro em que ele argumentava que o mundo seria cada vez mais democrático. A democracia, para ele, seria um fenômeno inexorável. Na mesma época, um japonês chamado Kenichi Ōmae também escreveu um livro muito famoso, chamado *O Fim do Estado-Nação*, em que dizia que o mundo, a partir do fim da Guerra Fria, se organizaria em quatro **cês**: Capital, Corporações, Consumidores e Comunicação. Ou seja, as pessoas que pensavam no fim da Guerra Fria estavam realmente imaginando um mundo como aquele - um mundo interligado, um mundo da aldeia global, onde cada um representaria uma conexão com a internet, um telefone celular, uma possibilidade de se conectar e se comunicar.

Mas nem todo mundo apostou nessa ideia de que a globalização traria o bem total das pessoas. Havia gente que não era exatamente otimista. Houve muitos conflitos na mesma época, na mesma hora em que a Guerra Fria acabou. E a gente tentava identificar, tentava encontrar alguma coisa em comum entre eles e muitos desses conflitos tinham como raiz quase que um tribalismo próprio daquilo que a gente vê surgindo dos escombros da Guerra Fria. Vocês devem se lembrar do genocídio que houve em Ruanda. Na mesma época, em 1995, começou um genocídio na Bósnia, com implicações humanitárias também tremendas. E, por fim, naquele mesmo contexto a gente viu um momento de grande ansiedade no Oriente Médio em função de um ditador absolutamente maluco e fora de centro chamado Saddam Hussein, que invadiu países e fez guerras. O Kosovo não foi um genocídio, mas um subproduto do genocídio na fragmentação da antiga Iugoslávia. O que quero mostrar é que existem duas imagens opostas: uma, de um futuro liberal promissor; outra, de um conflito que

tinha alguma coisa que não se conectava com a tal globalização. E aí veio o famoso livro *Choque de Civilizações*, escrito por um cientista político americano chamado Samuel Huntington, em 1996, originado de um artigo publicado anos antes na revista *Foreign Affairs*. O Huntington, que faleceu alguns anos atrás, embora fosse um liberal, não era um liberal típico. Ele olhava aquele mundo globalizado, aquele mundo interconectado, e dizia: há coisas que ainda podem acontecer. A gente não pode viver na ilusão liberal de que, uma vez o mundo se globalizando, acabariam completamente os conflitos. O que há em comum entre esses conflitos que ele via e que estavam de fato acontecendo - Bósnia, Ruanda, Iraque...? Huntington encontrou um fundo cultural, um fundo civilizacional nesses conflitos.

Então, desde o primeiro balão de ensaio, que ele publica em 1993, até a publicação do livro, que é um argumento mais sofisticado, ele basicamente sugere o seguinte: acabou-se a Guerra Fria, acabou-se, portanto, a ideia de que o mundo se orientava por um grande equilíbrio de poder entre duas superpotências - a União Soviética e os Estados Unidos - e o que irá substituir esses conflitos são diferentes matrizes civilizacionais. A gente não verá mais conflitos entre potências, mas verá conflitos ao longo das fronteiras civilizacionais que a gente observa ao redor do mundo. Ele sugere que o mundo do futuro, ao contrário do mundo da Guerra Fria, será um mundo organizado em torno de grandes ideias comuns e de grandes civilizações. E é dessas civilizações que partirão as maiores tensões.

Ele divide o mundo em civilizações diferentes, que trata como se fossem grandes blocos mais ou menos homogêneos em que ideias parecidas circulavam.



...O NOSSO MODO DE VIDA, PADRÕES DE CONSUMO, A NOSSA FORMA DE ENXERGAR O MUNDO, A NOSSA CRENÇA A RESPEITO DE DIREITO E DEMOCRACIA, ETC, SÃO AMPLAMENTE OCIDENTAIS. ENTÃO, O MUNDO QUE SE ORGANIZA TEM DUAS CARACTERÍSTICAS: ELE É DIVIDIDO EM CIVILIZAÇÕES, POR UM LADO, MAS A CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL TEM UMA GRANDE INFLUÊNCIA SOBRE AS DEMAIS, POR OUTRO. E É DESSA CONFIGURAÇÃO, DESSE MUNDO, QUE SURGIRIAM OS TAIS CHOQUES DE CIVILIZAÇÕES.

Guilherme Casarões

A civilização latino-americana é uma, que eu acho particularmente problemática para nós, brasileiros, que sentimos grande desconforto quando somos comparados com colombianos, ou mexicanos, principalmente quando a gente vai para os Estados Unidos e tentam falar em espanhol conosco. E também quando acham que a capital do Brasil é Buenos Aires. De todo modo, a gente tem uma civilização latino-americana, que Huntington acreditava ter características comuns. Outra era a civilização africana, caracterizada por religiões muito típicas da África, de relações mais tribais. A grande civilização, em expansão, chamada árabe-muçulmana, caracterizada por uma grande maioria étnica árabe e por uma religião dominante, o Islã. Outra, a civilização confuciana, que é basicamente a matriz chinesa. Também a civilização japonesa, de matriz budista. E, por fim, uma grande civilização ocidental.

O mundo em que a gente se acostumou a viver é um lugar em que a civilização ocidental sempre teve um papel predominante. Os nossos valores são ocidentais, e mesmo em outros lugares do mundo, que não são ocidentais, o nosso modo de vida, padrões de consumo, a nossa forma de enxergar o mundo, a nossa crença a respeito de direito e democracia, etc, são amplamente ocidentais. Então, o mundo que se organiza tem duas características: ele é dividido em civilizações, por um lado, mas a civilização ocidental tem uma grande influência sobre as demais, por outro. E é dessa configuração, desse mundo, que surgiriam os tais choques de civilizações. O argumento do Huntington vai sugerir o seguinte: na medida em que a União Soviética e os Estados Unidos deixam de orientar as relações internacionais desse mundo novo que surge, as civilizações vão começar a tentar penetrar umas nas

outras. E no momento em que você tem civilizações que se esbarram e que entram em conflito, a consequência natural é a guerra.

O livro não foi exatamente um consenso quando foi lançado. Muita gente leu e adorou - porque realmente a explicação do Huntington é convincente. Sobretudo no mundo ocidental, é sempre bom ler um livro que diz que o mundo inteiro odeia o Ocidente porque ele é o que há de melhor. Então, se por um lado, no Ocidente de uma forma geral, gostou-se do livro, para grande parte do mundo ele foi considerado uma espécie de peça acadêmica racista, inclusive para nós. O livro, apesar de ter sido um grande sucesso de vendas no Brasil, muitos brasileiros, na época, fizeram a seguinte crítica: como é que você coloca todo mundo, do México até a Patagônia, numa mesma ideia de civilização? Há semelhanças, é claro, entre Argentina, Brasil, Colômbia, México, Equador, Bolívia... mas não se pode dizer que sejam países iguais, nem que almejem coisas iguais. As realidades sociais são essencialmente diferentes.

No mundo árabe-islâmico as pessoas detestaram o livro. Porque, obviamente, na hora em que você coloca a civilização islâmica como aquela que mais rapidamente cresce e como a maior ameaça à estabilidade da civilização ocidental, isso também se torna um problema. Isso incomodou não só a muçulmanos, não só a latinos, mas também àqueles que acreditavam que defender uma tese segundo a qual civilizações são necessariamente excludentes umas em relação às outras, no fundo é uma forma de incitar um conflito e não de resolvê-lo. Então, por exemplo, todos aqueles como eu, que são partidários de um diálogo inter-religioso, que acreditam nisso de fato, ficaram meio horrorizados com a tese do choque. Porque ela não permite solução. Na medida em que civilizações acreditam em coisas

que são mutuamente excludentes em relação às outras, a única forma de acabar com o choques de civilizações é eliminando uma à outra - o que pessoalmente acho que não é uma boa solução - ou construindo muros que separem de fato essas civilizações, como aliás a gente tem visto com o presidente americano Donald Trump. Porque a sugestão dele, em algum sentido, é essa: construir um muro como forma de evitar a infiltração da civilização latina dentro daquilo que seria a civilização ocidental representada pelos Estados Unidos.

Em algum sentido esse livro gerou incômodo e debate. A tese fundamental do livro, contudo, se manteve. A gente pode dizer que o mundo, principalmente o mundo que a gente observava lá fora, confirmava a tese do choque de civilizações. Pessoalmente, tenho a impressão de que o Huntington, ainda que chocado com o que aconteceu em 11 de Setembro de 2001, deve ter ficado até um pouquinho satisfeito porque



o livro dele finalmente fazia todo sentido. O 11 de Setembro, aliás, mais do que qualquer outro episódio das relações internacionais dos últimos 20 anos, mostrou de maneira clara o que o choque de civilizações pode acarretar. Simplesmente foi o maior atentado terrorista da história da Humanidade. Agora, se por um lado o mundo confirmava essa tese do choque de civilizações, o que a gente vai ver depois de 11 de Setembro, em particular, são vários países do mundo agindo nesse sentido. Acho que não tem nada melhor para mostrar o choque de civilizações do que a ocupação do Iraque pelos Estados Unidos - a ideia de que por meio da força a civilização Ocidental poderia fincar o pé em um país chamado Iraque, de origem árabe-muçulmana, e transformá-lo numa democracia ocidental. Porque essa era a tese, inclusive, da invasão do Iraque em 2003. Deu certo? Não.

O que a gente viu no pós-Iraque foi um surto, que ainda perdura, de sentimento antiameri-

cano, e tudo o que vem junto com isso. De um sentimento antiamericano, manifesta-se um sentimento anti-israelense, porque Israel é aliado aos Estados Unidos no Oriente Médio, e por aí vai. Ou seja, tudo aquilo que a gente viu acontecer desde o 11 de Setembro de 2001 foi uma espécie de profecia do choque de civilizações que se cumpriu. As pessoas passam a olhar para o mundo a partir dessa ideia e começam a encaixar todos os episódios que estão acontecendo dentro dessa tese do choque. E passam a reagir como se de fato houvesse um grande choque - e isso leva a esse tipo de coisa. Então, tudo o que está acontecendo está muito claramente ligado a essa impressão que temos do choque e a reação não só dos estadistas, mas também das pessoas, caminha sempre nesse sentido. Será que de fato a Europa está se islamizando? Essa é uma pergunta válida.

Será que o que foi comentado mais cedo - leis que proíbem o uso de véus nas repartições públicas e nas empresas -, resolve a situação do choque de civilizações ou na verdade acirra uma situação que de fato está acontecendo? É uma violência, principalmente se a gente acredita no exercício pleno dos direitos fundamentais das pessoas, inclusive a liberdade de religião. Então, grande parte dessa profecia que se cumpriu, que a gente viu nos últimos 20 anos, por um lado reforça a tese do choque, mas ao mesmo tempo reforça a ideia de que para resolver o choque, a eliminação ou a separação são as únicas saídas possíveis.

Eu não tenho dúvida de que grande parte da popularidade do Donald Trump hoje se dá pelo fato de que ele adaptou o seu discurso ao do choque de civilizações. Dentro daquele chavão de fazer a América grande novamente, o que está implicado ali? Voltar a América a uma ideia de civilização Ocidental, que na cabeça dele está



sendo ameaçada pelos árabes-muçulmanos nos Estados Unidos, ameaçada pelos latinos nos Estados Unidos, ameaçada pelos chineses dentro e fora dos Estados Unidos. Ou seja, tudo aquilo que é diferente é uma ameaça em potencial à integridade da civilização Ocidental manifestada nos Estados Unidos. Na Europa, o processo é bastante parecido.

E vejam que interessante. O Trump está assumindo numa concepção que pessoalmente acho equivocada, que é a ideia de que a América não é uma América plural, mas uma América singular, dentro de uma sigla usada para caracterizar isso: WASP (*White, Anglo-Saxons and Protestants*) - branco, anglo-saxão e protestante. Essa é a América que o Trump está dizendo que vai atender, que está sendo ameaçada, etc. E as medidas que ele sugeriu nos primeiros dias de governo, como vocês acompanharam - um muro, como ele falou em campanha várias vezes, dividindo fisicamente o México dos Estados Unidos; e um muro que o México pagaria. Segunda coisa: o banimento, uma restrição da vinda de cidadãos de países de maioria muçulmana. Primeiro ele fez uma lista com sete países, depois diminuiu para seis - mas a lista e o muro são bons exemplos de como Trump ainda está trabalhando dentro da ideia do choque de civilizações. Uma ideia que, ao contrário do que se sugere, não resolve o problema, mas agrava potencialmente ao longo do tempo.

A partir dessa ideia comecei a pensar: o que eu posso trazer de diferente dessa tese do Huntington, que ainda é muito lida por aí? Eu diria que o mundo vive hoje não propriamente e apenas um choque de civilizações. É, mais do que qualquer outra coisa, um choque dentro das próprias civilizações. Não é exatamente uma briga crescente entre diferentes matrizes civili-

zacionais. É a rachadura cada vez mais profunda das próprias civilizações. Quando a gente acha que no fundo se trata de uma briga entre europeus e islâmicos, na verdade se trata de uma briga entre aqueles que defendem a liberdade e os que não. Quando a gente acha que é uma briga entre americanos e os invasores dos Estados Unidos, na realidade trata-se de uma briga entre aqueles que defendem a liberdade, a diversidade, a pluralidade e aqueles que não. Então, no fundo, grande parte da explicação para os problemas que a gente hoje está vivendo não se resume a um choque de civilizações, mas sim a um choque dentro das civilizações.

A grande manifestação popular na praça Tahrir, no Egito, que deu início em 2001 à chamada Primavera Árabe, mostra claramente que não dá para pensar numa grande civilização árabe-muçulmana - o Egito é um país árabe e de maioria muçulmana - sem considerar que dentro dessas próprias civilizações existem diferenças, e diferenças irreconciliáveis em certa medida. Ainda que eu não compre totalmente a ideia de que a Primavera Árabe foi só pela democracia ou só pelo direito de a juventude se manifestar, acredito que exista aqui, na Primavera Árabe, um grande choque entre quem, no mundo árabe e no próprio Egito, acredite na democracia, na liberdade, e aqueles que não. Então, em algum sentido, esse choque intra-civilizações é o que explica, em larga medida, os problemas que a gente está vivendo nesses últimos tempos. Eu falei do Egito e da Primavera Árabe, mas se a gente olha para o mundo inteiro hoje, a Europa está dividida. Os Estados Unidos estão divididos, nós estamos divididos. Não adianta achar que a gente tem, no Brasil, um consenso sobre qualquer coisa. Desde 2013, aliás, a gente vem tendo manifestações recorrentes. Talvez



O MUNDO DO PÓS-GUERRA FRIA, E PRINCIPALMENTE O MUNDO DO PÓS-11 DE SETEMBRO, É UM MUNDO EM QUE A GENTE DORME E NÃO TEM CERTEZA DE COMO VAI ACORDAR AMANHÃ. QUEM VAI LIDERAR ESSE MUNDO, QUEM VAI DOMINAR ESSE MUNDO, QUANTAS POTÊNCIAS LIDERARÃO OU DOMINARÃO ESSE MUNDO EM QUE A GENTE VIVE? É UM MUNDO DE DIREITA OU DE ESQUERDA, É UM MUNDO CRISTÃO OU NÃO-CRISTÃO, DEMOCRÁTICO OU AUTORITÁRIO?”

Guilherme Casarões

porque não haja consenso sobre coisas muito fundamentais e que se manifestam obviamente no ambiente político.

Então, a grande pergunta, ao olhar para o mundo hoje e tentar identificar esses conflitos que estão acontecendo é: o que eles têm em comum? Eu diria que eles têm em comum duas coisas: uma causa profunda e um fator catalisador. A causa profunda de todos esses conflitos que a gente vive é a instabilidade gerada pela transição. O mundo está mudando. Dizer isso pode parecer chavão, parecer senso-comum, mas a questão é que o mundo da Guerra Fria ficou mais ou menos o mesmo durante praticamente meio século. A verdade absoluta era a de que a gente dormia e acordava e a União Soviética estava lá, os Estados Unidos estavam lá e a lógica era aquela. O mundo do pós-Guerra Fria, e principalmente o mundo do pós-11 de Setembro, é um mundo em que a gente dorme e não tem certeza de como vai acordar amanhã. Quem vai liderar esse mundo, quem vai dominar esse mundo, quantas potências liderarão ou dominarão esse mundo em que a gente vive? É um mundo de direita ou de esquerda, é um mundo cristão ou não-cristão, democrático ou autoritário? E todas essas incertezas geram as reações que a gente vem observando nesses últimos tempos. A nossa ansiedade psicológica se deve a esse vácuo de certezas dos últimos tempos.

Todo período de transição estrutural, ou seja, quando o mundo está em transformação, gera esse tipo de incerteza. A última que a gente viveu, a última grande transformação em nível global antes do fim da Guerra Fria foi em 1929, naquele período que a gente chamou de período entre-guerras, entre o fim da primeira Guerra Mundial e o começo da Segunda Guerra. E por

que coloco 1929 e não antes ou depois? Porque entre o final da Primeira Guerra, em 1918, e o começo da Segunda, em 1939, esse foi o processo de transição em que as pessoas não conseguiam imaginar como acordariam no dia seguinte. A crise de 1929 agravou esse processo. Houve a grande crise econômica do século 20, que praticamente tirou todas as esperanças de que aquele mundo poderia ser um mundo próspero e bom. E a gente viu o que aconteceu na década de 1930. A desesperança, a incerteza e o medo levaram a Hitler e ao fascismo na Europa e fora dela, e levaram finalmente à maior guerra que a Humanidade jamais produziu - a Segunda Guerra. Não quero soar pessimista demais e dizer que estamos caminhando para uma nova guerra mundial, mas talvez estejamos. E talvez sem nos darmos conta.

Fazendo uma analogia histórica, em novembro de 1938, ou seja, poucos meses antes do início da Segunda Guerra Mundial, o primeiro ministro britânico, Neville Chamberlain, foi a Munique se encontrar com Hitler e assinou com ele um tratado por meio do qual cedia pedaços da Tchecoslováquia para a Alemanha. E quando Chamberlain volta para Londres, desce do avião, a imprensa toda esperando, ele mostra o documento que assinou e diz: "Esse papel salvará a Humanidade de uma nova guerra mundial". E nove meses depois a guerra começou. Talvez a gente não esteja conseguindo perceber o quão grave é essa situação do choque intra-civilizacional, mas o fato é que eu vejo uma grande relação entre o mundo do entre-guerras tendo o seu ápice em 1929, a grande crise econômica, e o mundo do pós-Guerra Fria tendo também como seu grande ápice a grande crise econômico-financeira do século 21, que começou em 2008. E por que a crise é sempre um momento de virada? Porque nas crises as máscaras caem.

Quando está todo mundo bem, quando a prosperidade é abundante e as pessoas estão se aproveitando daquele mundo, por mais caótico que ele esteja, as pessoas têm alguma coisa em que se prender. Quando a crise bate, ela leva embora todas as expectativas, todas as esperanças.

E vejam que ficamos até um pouco resguardados disso por um tempo. Lembram da famosa frase do presidente Lula, de que a crise tinha sido apenas uma marolinha para o Brasil? Não era uma marolinha. Só que a gente passou 2008, 2009, 2010, 2011, 2012... achando tudo lindo. O mundo pegando fogo, o desemprego batendo em 50% entre os jovens na Europa, os Estados Unidos em crise... e o Brasil indo "bem". Na verdade, estava acontecendo o caso brasileiro. Não quero, obviamente, entrar na polêmica do caso brasileiro em particular, mas a gente estava simplesmente adiando o sofrimento de uma coisa que invariavelmente aconteceria - a recessão. E como a gente procrastinou a recessão por muito tempo, na hora em que ela estourou, foi de verdade. E o resultado não foi uma recessão leve



e diluída em alguns anos, mas uma recessão concentrada nos últimos três, em que o Brasil talvez tenha sido o país que menos cresceu, ou o que mais encolheu, do mundo.

Então, acho que a grande questão que a gente tem que olhar é que no momento da crise financeira as pessoas começaram a revelar os seus reais interesses. Fora da prosperidade, as pessoas vão começar a se prender naquilo que elas tinham de simbólico, já que elas não têm mais a comida no prato ou o copo d'água. Elas vão se prender ao nacionalismo, a determinadas causas que as confortem psicologicamente, à violência. Então, tudo o que a gente tem visto pós-2008 acaba sendo fruto disso também. De novo, para tentar entender: o que hoje explica grande parte dos problemas que vêm ocorrendo da Síria à Venezuela? Eu diria que, em ampla medida, é o contexto de uma transição de poder que a gente não sabe para onde vai - e esse é o grande problema de a gente ter essa incerteza. As polaridades indefinidas geram ansiedade e angústia e o que deflagrou nesse momento a crise foi um efeito perverso daquilo que a gente

também acreditava amplamente benéfico: a globalização.

O primeiro-ministro canadense, Justin Trudeau, virou uma espécie de símbolo desse mundo que está acabando, que está entrando em colapso. Quando a gente vê uma figura como essa - feminista, a favor dos direitos humanos, defensor das igualdades, das liberdades, das minorias e defensor, obviamente, de um mundo globalizado, tolerante, multicultural -, está vendo o presente, não o futuro. E aí, quando falo que a globalização é o catalisador disso, é porque a globalização econômica trouxe - além de ganhadores e perdedores, como aliás todo processo econômico - uma falsa ideia de diversidade, de universalismo, de direitos. Quando a crise de 2008 pegou, bateu, acertou e doeu em todo mundo, ela simplesmente mostrou aquilo que a gente não queria ver. Que o mundo multicultural, diverso, tolerante... a gente adoraria que ele existisse, sem qualquer problema, que todo mundo fosse igual àquela música do Michael Jackson, *We are the world*, sabe? Só que, na verdade, esse mundo real, esse mundo que está por baixo da globalização, é extremamente provinciano, bairrista, nacionalista, violento.

O Islã é o diferente mais fácil de se identificar. O Islã não é extremo. A nossa imagem do Islã é a do Islã extremo. E aí eu quero fazer novamente uma analogia com a crise de 1929. Sabe o que aconteceu com os judeus depois de 1929? Eles se tornaram os bodes expiatórios de tudo o que acontecia na Europa. Hitler foi eleito com esse discurso. Hitler foi eleito baseado num livro que ele tinha escrito na cadeia, em 1923, *Mein Kampf*. Um livro em que ele diz que existe uma causa para todos os problemas dos alemães: os judeus. Existe uma conspiração judaica dos banqueiros judeus, dos comerciantes judeus, e essa conspiração judaica tem que ser eliminada.



E como se elimina essa conspiração? Fazendo com que a Alemanha se una contra os judeus para eliminá-los. Qual foi o resultado histórico disso? O Holocausto. Então, em algum sentido, o que tem acontecido hoje parece com o que aconteceu lá na década de 1920, de 1930. A desesperada procura por um bode expiatório vai necessariamente encontrar alguém, mesmo que esse alguém não tenha nada a ver com isso, mesmo que esse alguém seja simplesmente um bode expiatório. Porque é esse o conceito.

Se o mundo foi construído a partir da lógica do choque de civilizações, na hora em que a gente for procurar os culpados da crise vai, primeiro, apontar para civilizações opostas às nossas. Ainda que no fundo elas nem sejam opostas, ainda que no fundo o problema não seja esse. Mas é claro que as pessoas vão procurar esses bodes expiatórios, os famosos bois de piranha. Voltando ao Trudeau, ele representa o mundo imaginário que a gente acha que existe. Há pré-candidato às eleições de 2018 que representa exatamente o anti-Trudeau. Já começaram a dizer que os haitianos são a escória da Humanidade, que boliviano tem que voltar para a Bolívia. São as mesmas pessoas que dizem que o nordestino não tem lugar aqui em São Paulo. Ocorre que esse mundo imaginário do Trudeau, em que talvez a gente gostasse de viver, acabou entrando em colapso. E esse colapso nos coloca, hoje, diante de uma situação absolutamente previsível, embora indesejada, que é a revanche de todos aqueles que perderam nesse processo. Não estou falando da crise de 2008, não. Todo mundo que vem perdendo desde que a globalização começou a acontecer. São todos aqueles que viram suas identidades diluindo-se nessa ideia de multiculturalismo, todos aqueles que viram o seu ideal de América sendo ameaçado por latinos, negros, árabes,

etc, todos aqueles que em 2008 viram o sonho da casa própria ou da classe média ruindo diante dos seus olhos. Esses, hoje, estão dando o troco. E quem são essas pessoas? O cidadão comum.

Nós, aqui, em São Paulo, vivemos numa bolha. A gente vive numa realidade que em larga medida não corresponde à realidade dos grotões do Brasil e muito menos à dos grotões do mundo. A gente é muito mais cosmopolita que a média... A gente é mais tolerante e liberal do que grande parte da população que está lá fora. Essas pessoas, chamadas de comuns, não somos nós. Pessoas comuns, do interior dos Estados Unidos, no interior do Brasil - no caso brasileiro é menos grave, eu diria - no interior da Europa, ou das periferias da Europa, são as que hoje, diante de tantas perdas sentidas, vão começar a optar por soluções extremas para que não percam aquilo que sobrou. Dinheiro já não tem mais. O que sobrou para elas? Os nacionalismos, as causas imediatas, as causas intangíveis. Elas estão presas nisto. Quem são as pessoas que hoje atendem a essas demandas do povo comum? Gente como Marine Le Pen, na França. Gente como Geert Wilders, na Holanda, que por um triz não ganha a eleição parlamentar holandesa. Essas pessoas têm um discurso anti-islâmico, anti-imigração, anti-refugiados, anti-judaico, quer dizer, anti-tudo o que seja diferente. Não à toa que as pessoas vêm nos comparando com o discurso fascista da década de 1930, porque o fascismo também se legitimou como base nesse mesmo discurso. Essas pessoas são representadas por todos aqueles que acham que diversidade é ruim.

O mundo islâmico - pode parecer paradoxal - também acredita ser um perdedor da globalização. O que diz o sunismo radical, ou o wahabismo, que esse pessoal defende? Diz que todo



O QUE DIZ O SUNISMO RADICAL, OU O WAHABISMO, QUE ESSE PESSOAL DEFENDE? DIZ QUE TODO MUNDO QUE FOR CONTRA UMA LEITURA EXTREMISTA DO ISLÃ MERECE MORRER. O QUE ISSO QUER DIZER? QUE TODO MUÇULMANO – NÃO ESTOU FALANDO DO OCIDENTAL, NÃO - QUE É MODERADO, QUE NÃO ACREDITA EXATAMENTE NAQUILO QUE ELES ACREDITAM, MERECE MORRER. SABEM QUEM SÃO AS MAIORES VÍTIMAS DO ESTADO ISLÂMICO NO MUNDO? NÃO SÃO OS INGLESES, OS FRANCESES, OS BELGAS E OS ALEMÃES. SÃO OS PRÓPRIOS MUÇULMANOS”.

Guilherme Casarões

mundo que for contra uma leitura extremista do Islã merece morrer. O que isso quer dizer? Que todo muçulmano - não estou falando do ocidental, não - que é moderado, que não acredita exatamente naquilo que eles acreditam, merece morrer. Sabem quem são as maiores vítimas do Estado Islâmico no mundo? Não são os ingleses, os franceses, os belgas e os alemães. São os próprios muçulmanos. E hoje a gente está diante de uma grande ruptura dentro do Islã, que pode ser encarada de duas formas. Os chamados sunitas contra os xiitas - e esse é um problema intra-civilização que não tem nada a ver com a globalização, mas é um problema real - e a gente vê hoje, também no mundo islâmico, uma crescente separação entre os radicais e os moderados. E quem são as vítimas nessa história? São os moderados, que representam 95% das populações muçulmanas e que são vítimas diárias de atentados terroristas na Nigéria, na Somália, no Egito, no Iraque, no Líbano, na Síria e por aí vai.

O que está acontecendo é que o discurso do Estado Islâmico não é muito diferente do discurso da Marine Le Pen. Claro, a Marine Le Pen é uma pessoa de boa aparência, loira, de olhos azuis, ocidental - então, o que ela diz soa melhor do que o que um cara do Estado Islâmico fala pelo simples fato de que a gente está mais predisposto a ouvir uma pessoa como a Marine Le Pen ou um cara como Geert Wilders, que é bonitão também. Mas vejam que a diferença é estética. O conteúdo do que eles dizem é igual.

A direita na França não defende o extermínio físico, mas é uma questão de tempo, de você levar o argumento para o limite. Não estou dizendo que pessoas como Marine Le Pen defendam o extermínio físico, mas elas defendem um tipo de exclusão que, dependendo da forma

como se mobilize o francês ordinário, comum, isso pode virar extermínio físico ou expulsão.

Então, eu não consigo ver, no longo prazo, tanta diferença entre esses dois argumentos porque não se trata de argumentos inclusivos, mas excludentes. E a exclusão do argumento é rigorosamente a mesma, ainda que com gradações muito distintas. É uma variação de quanto, mas não de como. Isso, pessoalmente, me preocupa. Porque, é claro, quando você está jogando o jogo democrático, como é o caso da Marine Le Pen e do Geert Wilders, você não pode colocar as coisas em termos tão explícitos pelas próprias regras do jogo. Provavelmente, incitar o linchamento de muçulmanos na França deve ser ilegal ou até mesmo inconstitucional. Só que existem formas sutis de você fazer com que isso aconteça direta ou indiretamente. Tudo depende de como você constrói. Não quero dizer que sejam fenômenos idênticos. Mas certamente, se a gente for olhar para a causa comum de ambos, a extrema direita europeia e o radicalismo islâmico em grande parte do Oriente Médio, veremos que representam perdedores de um processo de globalização que basicamente contradiz aquilo que eles acreditam. E quanto mais as perdas econômicas se tornam evidentes, com mais afinco essas pessoas têm que se prender a essa causa intangível que passa necessariamente pela exclusão do outro, seja ela física, moral, nacional. Então, um dos sintomas do que a gente observa hoje está muito claro: aumento dos nacionalismos - e na Europa isso está se tornando muito evidente. Esses nacionalismos têm um fundo excludente que, devidamente manipulado, pode ser perigosíssimo.

De novo: a gente tem que entender as lições que a História nos deixou. A História nos mostrou, ao longo do fim do século 19 e até a

primeira metade do século 20, que os nacionalismos exacerbados e manipulados de maneira irresponsável levam a conflitos. E aqui tem outra coisa interessante, para a gente pegar o ponto histórico. Eu não me lembro, posso até ver se Hitler, em algum momento, falou explicitamente no extermínio de judeus, mas tenho a sensação de que nos discursos públicos do Hitler a palavra extermínio não era empregada.

Esse é o ponto. Mesmo que você não diga, você pode levar uma sociedade inteira a acreditar que aquelas pessoas, por alguma razão, não são bem-vindas e a única forma de resolver esse problema é tirando-as dali, pela força ou não. Então, o aumento do nacionalismo é uma coisa. Outra: a polarização política na sociedade começa a se tornar um fator de muito incômodo, e eu pessoalmente me incomodo muito com isso, não só no mundo, mas aqui inclusive. O famoso “nós contra eles” que tem sido incitado



a todo momento, em todo o mundo. O populismo se torna uma saída política absolutamente sedutora porque significa, entre outras coisas, prometer o que não se cumpre. O Trump, quando a gente o chama de “o novo fenômeno do populismo de direita”, é porque ele basicamente está propondo um conjunto de coisas irrealizáveis. Ou, se realizáveis, absolutamente atentatórias contra a democracia.

De novo: o banimento de pessoas pela sua proveniência nacional, que no fundo é o banimento por sua religião, é bastante discriminatória. E está sendo vendido como se resolvesse o problema do terrorismo internacional, quando não há evidência nenhuma de que isso seja verdade. Peguem todos os atentados terroristas da Europa do último ano e meio, mais ou menos. Quantos deles foram causados por cidadãos de fora daqueles países? Nenhum. Todos foram causados por cidadãos daqueles

países. “Bom, Guilherme, mas eram cidadãos diferentes, eles eram muçulmanos”. Mas vocês entendem que a gente tem uma contradição insolúvel? Se você tem um muçulmano francês, nascido na França, mesmo que seja filho de pais argelinos ou marroquinos, e esse cara comete um atentado que mata 130 pessoas em Paris, você consegue resolver o problema proibindo os refugiados sírios de entrarem na França? Você consegue resolver o problema separando fisicamente essas pessoas, construindo guetos? Não resolve.

Você pode até sugerir que o choque dentro das civilizações é causado pela infiltração entre civilizações, mas eu não acho nem que seja isso. O choque de civilizações, hoje, ou dentro delas, está muito mais ligado a uma divisão cada vez mais explícita entre quem ganhou e quem perdeu nesses últimos anos, porque o discurso é basicamente este. O problema do muçulmano não é a religião muçulmana em si, mas o fato de que o muçulmano está tirando o meu emprego. O problema do latino não é ele ser latino, eu não tenho nada contra o latino, eu não sou racista, o problema é que esse mexicano que trabalha ilegalmente está tirando o meu emprego. Então, como você não pode formatar o discurso assumidamente racista você vai sempre jogar a questão econômica. É o cara tirando o meu emprego. É o boliviano tirando o emprego do pobre trabalhador brasileiro e por aí vai. Da mesma forma que os populismos têm se tornado uma saída política muito fácil, principalmente da direita - o populismo de esquerda a gente viu, sabe o que ele propõe, é outra coisa, numa outra época, inclusive. O populismo de direita existe porque ele está propondo um conjunto de medidas nacionalistas que o cidadão médio dos países



está altamente disposto a aceitar. Um populismo de esquerda não conseguiria fazer isso porque a pauta da esquerda, nesse caso, é a da diversidade, da inclusão, e não da exclusão. O que obviamente não quer dizer que direita seja de exclusão e esquerda de inclusão. O que eu quero dizer é que a pauta populista se organiza de maneira diferente.

Outro sintoma importante do que a gente tem visto são as novas formas de contestação. O mundo nunca presenciou tanta gente na rua por tanto tempo e em tanto número. As ruas se tornaram mais importantes do que os parlamentos em alguns lugares do mundo. E quanto mais se agrava esse choque dentro das civilizações, menos os sistemas políticos tradicionais vão conseguir dar respostas para o que está acontecendo. Então, a rua acaba sendo uma saída. E vejam: aconteceu no Egito, na Síria, no Brasil, na Turquia, nos Estados Unidos, em países europeus. Não são focos de manifestações de 30 ou 40 pessoas, não, mas milhões de pessoas, o que talvez mostre uma outra coisa. Diante desse mundo que se transforma muito rapidamente, a própria democracia já não dá mais conta de resolver o problema. Ou alguém aqui está feliz com a nossa democracia do jeito que ela está hoje - uma democracia que não atende mais, mesmo mediada pelos partidos, os anseios da população.

Pensem nos últimos quatro anos no Brasil, desde junho de 2013 até hoje. É muito clara a ideia de que a democracia se tornou insuficiente para atender aos problemas de quem perdeu. E obviamente isso vai fazer repensar-se a forma de representação. Isso leva à violência. Isso tem levado de maneira surpreendente à fragmentação dos processos de integração, ou seja, o que a gente tem visto hoje é a desintegração regional no mundo inteiro. O Trump,

com uma canetada, acabou com dois, o Nafta e o TTP. A Europa está caminhando lentamente para a fragmentação. Vocês sabem que grande parte da plataforma de Marine Le Pen, de Geert Wilders e desses populistas de direita na Europa é a da separação da Europa, o fim da União Europeia, porque o nacionalismo não convive bem com a integração. A integração pressupõe diversidade, troca, coisas que essas pessoas não defendem. E por fim, de maneira dramática, o que a gente vê é o retrocesso fúnebre da democracia, mesmo nos lugares que a gente acreditava democráticos: Estados Unidos da América, Europa. O Brasil é peixe pequeno perto disso. Agora, quando a gente vê na Inglaterra a democracia dando sinais de paralisia, sendo a Inglaterra a democracia mais antiga do mundo, aí a gente tem um problema.

Concluindo: o que tudo isso significa? Houve um momento em que se acreditava que o mundo conseguiria caminhar a partir de duas chaves, simultâneas. Um mundo que geraria prosperidade para todos e um mundo que geraria diversidade para todos. A fotografia que mostra



os líderes dos BRICs (*Brasil, Rússia Índia e China*) de mãos dadas para o alto representa isso bem. São países muito diferentes entre si, completamente distintos em termos culturais e mesmo civilizacionais, que resolveram dar-se as mãos por um objetivo comum, o de transformar o mundo num lugar mais democrático - obviamente a China não é democrática, nem a Rússia - não no sentido da democracia para dentro, mas da representatividade para fora. A gente viveu um mundo da Guerra Fria e viveu um mundo governado pelos Estados Unidos.

A proposta dos Brics era a proposta de multipolaridade, garantir que um mundo em que vários centros de poder, e não apenas um centro ou dois, teriam as rédeas de um futuro em que a gente viveria. O que a gente constatou foi que essas duas promessas, muito bem simbolizadas nos Brics - de um mundo mais próspero inclusive para quem era pobre, e mais diverso - não se realizaram de maneira plena. E o chocante disso tudo é que é uma foto de sete anos atrás. Em sete anos o mundo que a gente começou a observar nessas transforma-

ções muito velozes pós-crise de 2008, é um mundo que não dá nenhum sinal de que vai se tornar mais próspero e nem mais diverso. Basicamente, o que vemos hoje é um mundo em que todos estão correndo atrás do seu e não se interessam pelos valores subjacentes.

Eu não posso fechar essa fala sem uma nota otimista. Porque do jeito que a coisa caminha, dá aquela impressão de que o mundo não tem jeito e de que tudo vai ficar muito pior com o passar do tempo. A gente vai ver mais atentados terroristas, mais divisão na sociedade, mais crise na democracia, mais crise econômica e por aí vai. E é bem possível que a gente veja isso acontecer por mais alguns anos. Mas trata-se, em larga medida, de uma questão de tempo. Por duas coisas. Transições de poder, pela própria etimologia da palavra, são temporárias, são transitórias. Então, vamos chegar em algum momento em que essa incerteza característica de um mundo em transição vai acabar porque o mundo vai se organizar em torno de uma estrutura estável. Que estrutura é essa, eu não sei. É bem provável que vejamos, nos próximos anos, um mundo cada vez mais parecido, aliás, com o da própria Guerra Fria, só que em vez de Rússia e Estados Unidos, um mundo entre Estados Unidos e China. É uma possibilidade. Essa possibilidade me incomoda? Pessoalmente, não. Acho que um mundo estável, sendo que a China desempenhe um papel da segunda superpotência, é melhor do que esse mundo em que a gente não faz ideia de quem é quem. Essa é uma coisa que está acontecendo. Se vai demorar mais 5, 10 ou 12 anos para acontecer, isso realmente eu não saberia dizer.

E uma outra coisa: se é verdade que o que capitalizou, deu origem a essa fragmentação das civilizações que a gente está vendo hoje, é a globalização e, portanto, a nossa ideia de



capitalismo liberal, é bem provável que o próprio capitalismo liberal tenha que se reinventar para continuar aí. Alguns sinais disso estão acontecendo. Nosso capitalismo nunca foi tão sustentável como é hoje, sustentável no sentido de harmonizar com o meio ambiente. Ainda falta muito. Mas é provável que o capitalismo, ao se reinventar, consiga colocar essas pecinhas dos vencedores e perdedores rearranjadas no lugar. Quanto tempo esse processo levará, eu pessoalmente não saberia dizer. Eu acho que a gente pode piorar um pouquinho, antes de melhorar de vez. Mas quando melhorar, talvez possamos falar de uma outra ideia. Se tudo der certo, a gente vai poder falar de diversidade, de liberdade, da forma como acreditamos que a poderíamos estar vivendo agora. Talvez, no futuro, a gente veja o Justin Trudeau sendo o grande representante de uma sociedade e não só daquela imaginária.

SERGIO RONDINO: Há uma questão sobre a qual quero ouvir a sua palavra. É uma coisa que eu chamo de emigração dos costumes. Por exemplo: eu vou emigrar para um determinado país e quero ter o direito de levar para lá os meus costumes em vez de me integrar aos padrões daquela sociedade. Estou falando disso por causa da questão do islamismo, levantada aqui. É possível, por exemplo, você emigrar para a França levando os seus costumes religiosos em relação ao tratamento que se dá à mulher - como se sabe, as mulheres recebem um tratamento bastante inferior nos países árabes. Vejam o confronto aí. Quem tem que ser tolerante? Todos ou apenas a civilização ocidental? Essa é uma questão muito curiosa que precisa ser colocada porque ela é absolutamente incoerente: todos têm que ser tolerantes com a diversidade, ou só alguns?

GUILHERME CASARÕES: Eu vou fazer aqui uma distinção muito importante entre o mundo islâmico e alguns países de maioria muçulmana. Nem todos os países muçulmanos inferiorizam a mulher. As três religiões monoteístas que a gente conhece - o judaísmo, o cristianismo e o islamismo - são religiões que ditam costumes nas suas escrituras. Se a gente for pegar a Bíblia e dar a ela uma interpretação mais literal, ela também inferioriza as mulheres, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. A grande questão é: os cristãos estão aí há dois mil anos. O Cristianismo passou por muitas transformações nesses últimos 2 mil anos, inclusive o Cristianismo que se desenvolveu dentro de um continente específico - a Europa. O catolicismo e o protestantismo, que são as nossas modalidades mais conhecidas, nascem na Europa. Eles se desenvolveram em países que, com o passar do tempo, por razões muito diferentes, se transformaram em países democráticos e seculares. Ou seja, o secularismo dos países ocidentais impôs uma determinada separação entre a fé privada e o exercício de qualquer função pública. Isso é verdade em grande parte dos países do mundo



ocidental. O que ocorre? No caso, por exemplo, de França, Alemanha, Inglaterra, embora em alguns casos haja inclusive resquícios religiosos - a própria rainha Elizabeth é herdeira de um regime que é teológico no limite, já que quem colocou a monarquia britânica no seu lugar foi Deus, não há outra explicação para isso -, são países que conseguiram se desenvolver em larga medida a partir dessa secularidade e conseguiram manter a religião dentro dos espaços religiosos, dentro de casa. Então, não há contradição nenhuma entre ser ocidental, católico ou protestante, ser protestante no culto de domingo e exercer uma função pública de maneira absolutamente laica, sem misturar suas convicções religiosas com aquilo que é o dever do Estado.

Qual é o grande problema quando a gente pensa no mundo muçulmano e nos países de maioria muçulmana? O Islã - e aqui é uma questão teológica -, em larga medida, é uma religião cujo exercício é muito mais pleno do que as nossas variações contemporâneas de catolicismo e protestantismo. Então, por exemplo, você pode ser católico e ninguém vai te con-

denar se você for à missa somente aos domingos. Ninguém vai ficar te cobrando se você é católico no seu dia a dia. Aliás, não tem muito jeito de saber se você é católico, a não ser que ande com um grande crucifixo pendurado no pescoço. Agora, a grande questão do Islã é que é uma religião total. Total no sentido de que se você é muçulmano, acredita no Alcorão, tem que se comportar como muçulmano na sua vida como um todo. Ou seja, rezar cinco vezes ao dia, o que significa parar o que eu estou fazendo, e orar. Ou, no caso das mulheres, usar um véu - e aí há diferentes tipos de véu. Existem países muçulmanos em que não há a obrigatoriedade de usar véu por causa de interpretações do Alcorão e existem países muçulmanos em que a mulher é obrigada a usar uma burca, que cobre não só a cabeça, mas o corpo inteiro e os olhos. Então, olhando por esse lado, não posso jamais dizer que no mundo muçulmano apedrejam-se mulheres. Isso acontece no Irã, na Arábia Saudita, no Afeganistão, nos lugares onde as mulheres usam burca. No Líbano não se vê isto, na Síria também não e na própria Nigéria não veremos isso. No maior país muçulmano do mundo, a Indonésia, que não tem nada de árabe, não se vê isso. Então, os países de origem muçulmana desenvolveram maneiras muito diferentes e criaram interpretações variadas e graus variados de permissividades religiosas quanto a, por exemplo, a ostentação de indumentárias religiosas.

O mesmo acontece no judaísmo. Há os judeus ortodoxos, que têm que usar um quipá preto - é uma questão até de identidade - e tem judeus que não têm quipá e tanto faz. Então, ocorre é que a religião tem variadas formas de interpretar o texto, a escritura, vamos dizer, e isso obviamente pode significar variadas formas de tratar mulheres ou de impor determinadas



Rostislav Glinsky / Shutterstock.com

regras sociais. E outra: os países de maioria muçulmana são países que têm, no máximo, 70 anos de existência. São países ditatoriais, que sofreram um grande processo colonial no Norte da África e no Oriente Médio. Então, não quero colocá-los como vítimas exclusivas da maldição europeia do colonialismo. Mas a gente também não pode deixar de considerar esse fato, de que são países cujas estruturas políticas são débeis, primitivas, precárias, não por vontade própria, mas pelo simples fato de que estamos falando de países que foram ocupados por europeus ou por outros povos durante séculos e que só nos últimos 50, 60 anos tiveram a possibilidade de serem países independentes. Isso coloca a coisa de outra perspectiva, de que talvez a democracia não possa ter chegado a esses países pelo simples fato de que a democracia não é um processo que se impõe de cima para baixo, é o processo de maturação de uma sociedade. A Inglaterra levou mil anos para que nos últimos 200 tivesse uma democracia. Os Estados Unidos importaram esse ethos protestante e puderam implementar a sua lá.

Agora, não há nada mais equivocado do que os próprios Estados Unidos acharem que invadindo e ocupando o Iraque vão impor a democracia deles aos outros. Isso não funciona. Então, acho que essa questão da intolerância - embora eu concorde contigo, que a tolerância tem que vir de todas as partes - tem que ser colocada em perspectiva. Há países de maioria muçulmana tolerantes? Há. A Turquia, a própria Síria pré-conflito civil, Líbano, a própria Jordânia, onde já estive algumas vezes e conheço bem, a Indonésia. Os países árabes do golfo nem tanto. Um indicador interessantíssimo de como a nossa leitura muitas vezes é equivocada: o mundo islâmico como um todo - estou pensando aqui em Paquistão, Afeganistão, Indonésia e tal

- teve mais líderes mulheres do que o mundo ocidental. A Dilma se colocava muitas vezes na qualidade de ter sido a primeira mulher representante política na história da Humanidade. A gente sabe que não é o caso. Nós já tivemos a Margareth Thatcher. Os Estados Unidos nunca tiveram uma presidente mulher. Não que isso seja o único critério pelo qual a gente julgue uma democracia, mas o Paquistão já teve uma mulher presidente 30 anos atrás.

Então, há uma questão que precisamos compreender: talvez os países islâmicos sejam mais tolerantes do que a gente acha que são. E volto ao ponto: talvez a nossa leitura do que é o mundo muçulmano ainda esteja muito mais próxima do estereótipo do Estado Islâmico do que de fato acontece lá. Pelo menos esta é a minha experiência em países muçulmanos, principalmente do Oriente Médio. Eu conversei com pessoas e não me choquei, em particular, com a maneira como a mulher é tratada lá. Não me pareceu uma coisa absolutamente fora dos padrões aceitáveis dentro de uma realidade como a nossa.

SERGIO RONDINO: A pergunta nem era tão ampla. Era uma coisa simples: por que a decisão de um governo na Europa, impor aquilo



que você chamou de laicismo na área pública, é visto como uma violência, uma intolerância? Enquanto do lado de lá, não, ninguém fala nada, eu não vejo ninguém protestar contra o que acontece em certos países do mundo árabe. É uma incoerência, porque o chamado mundo ocidental tem essa tendência de achar que somos todos bonzinhos. Você não pode impor os seus costumes? Não estou defendendo nem uma posição nem outra. Minha pergunta vem de quem está do outro lado e pode estar pensando: violência por quê? É imigração de costumes, esse é que é o problema. É uma coisa complicada. Hoje, no mundo globalizado, todo mundo vai para todo lugar e cada um leva os seus costumes consigo. Aí vem o choque do qual você está falando. A pessoa se impressiona com alguém rezando no meio da rua. Não que seja bom ou ruim, mas a pessoa que não tem esse costume se choca.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Há lugares em que isso não acontece e choca. Em Dubai tem gente andando de shortinho, minissaia, e parece que você está no Ocidente.

RENATA RONDINO: Há dois exemplos sobre costumes simples, de coisas do dia a dia, que eu

gostaria de comentar. Em Londres há conflitos em alguns bairros porque os ingleses querem passear com os seus cachorros e os vizinhos muçulmanos se ofendem porque, para eles, cachorro é um bicho sujo. Em algumas cidades da Suécia eles tiraram a decoração de Natal porque ofende os refugiados. E aí entra a questão do choque de costumes. E fazemos o quê? Quem determina se vai ter decoração de Natal? Posso andar com o meu cachorro ou não?

SÉRGIO RONDINO: Usar crucifixo ou não? Usar quipá ou não? Isso foi proibido na França. Houve reação. É complicado.

CASARÕES: O Cristianismo, e eu sou cristão, não exige o uso de indumentárias religiosas como forma de provar a sua identidade cristã. Eu já passei por algumas situações, como em Israel, que é um país judaico e que em tese é um país democrático: um soldado israelense colocou a metralhadora na minha cara e me perguntou se eu era cristão ou muçulmano. Com uma metralhadora na cara, num *checkpoint*, vindo da Palestina para Israel, eu poderia dizer que sou ateu, mas eu disse: eu sou cristão. O soldado israelense olhou e disse: então reza para mim. Aí eu falei: mas eu não sei rezar em inglês. Aí ele falou: pode rezar em português, só quero saber se você é realmente cristão. Eu falei dois ou três versos da Ave Maria, ele baixou a metralhadora, riu da minha cara e saiu andando. Isso não é violência? É violência. Aquela região é assim, mas a questão é a seguinte: como o Cristianismo não é uma religião que te obriga a usar uma indumentária para se provar cristão, o cara me pediu para rezar. Ele poderia alternativamente falar assim: abre a camisa para eu ver se tem um crucifixo pendurado no seu pescoço. O Judaísmo ou o Islã, nas suas versões mais



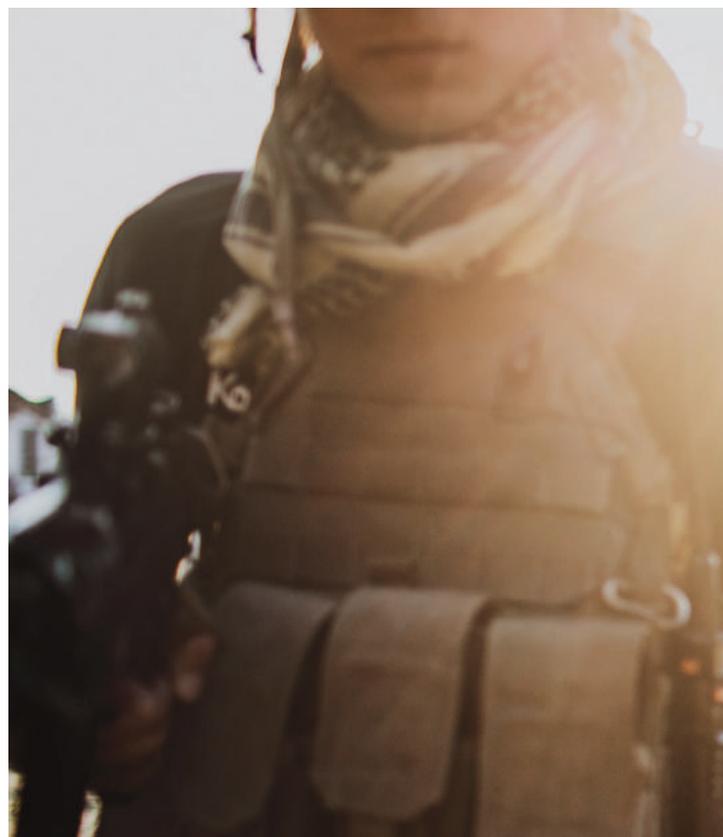
conservadoras - não estou dizendo que não há muçulmanos que bebem cerveja e que não há judeus que não usam quipá. Há. Mas nas suas versões mais conservadoras, são pessoas que acreditam, porque está lá escrito, que existem certos códigos de vestimentas que você tem que usar para ser aquilo. Você não chega para uma mulher muçulmana e diz assim: esse véu que você está usando é uma grande violência contra você mesma. Ela não acha isso.

ALDA MARCO ANTONIO: Agora, falar que a religião não é ruim para a mulher... Todas são péssimas para a mulher. Pelo amor de Deus! É horrível para qualquer mulher, no mundo inteiro. E as mulheres que o senhor citou, que foram governantes, eram todas mulheres de família de algum político famoso - Indira Gandhi, Benazir Bhutto.

GUILHERME CASARÕES: Concordo em gênero, número e grau com a sua colocação. Mas eu a utilizei porque ela revela que não existe especificidade religiosa nesse caso. As religiões, lidas de maneira literal, colocam a mulher em um papel inferior. Por isso é que, no limite, não existe grande diferença na forma como a mulher é tratada no meio da Jordânia ou no interior do Brasil. Porque o problema é o mesmo. Não é um problema do Islã contra o mundo. Acho que esse era o ponto. Não estou defendendo o Islã, eu não sou islâmico. A questão aqui é outra. É entender que a causa de um problema específico não está em uma religião só. Agora, eu concordo, ao mesmo tempo, que não tem o menor cabimento que uma população muçulmana que mora em Londres ou Estocolmo possa ditar as regras sociais de quem é de lá. De modo algum. Mas não é disso que a gente está falando.

SERGIO RONDINO: É um pouco, sim. Esse direito de exercer...

GUILHERME CASARÕES: O que aconteceu na França é diferente. A lei de 2004, se não me engano, dizia que no funcionalismo público as pessoas não poderiam usar nenhuma indumentária religiosa. Eu entendo que a França é um Estado laico, mas também entendo que no momento em que o francês que queira ser funcionário público de qualquer instância não pode usar indumentária religiosa, estão excluídas todas as mulheres muçulmanas, que hoje correspondem a 4% população da França. Elas não podem ser funcionárias públicas porque vão entrar em choque com a sua identidade religiosa; e exclui também parcela significativa, que não é tão numerosa, de judeus ortodoxos que também não poderão exercer essa função. Isso no serviço público. Você pode dizer que isso é um problema de quem não quer tirar o véu. Eu entendo. Só que quando se estende isso para alunos de escolas públicas, cria outro problema. Grande parte da população muçulmana que hoje



mora na França, que corresponde a 8%, é a segunda ou terceira geração de argelinos, marroquinos, senegaleses e sírios, entre outros, que moram na França e são, para todos os efeitos, cidadãos franceses de direito e de fato.

O problema é que são mais pobres porque são de famílias de imigrantes ou de refugiados que vieram de lugares do mundo onde não conseguiriam simplesmente construir a vida. Eles moram nas periferias de Paris ou nas periferias de grandes cidades. Qual o efeito causado sobre esta população quando é definido que para estudar numa escola pública - que é a única forma que eles têm de estudar - não podem ter a sua religião? Eles não vão para a escola. Ou, como tem acontecido com alguma frequência, são criadas escolas islâmicas nas periferias de Paris ou de Londres, que acirram um processo de guetificação dessas populações. E, de novo, não estou falando de muçulmanos.

Peguem um livro chamado o *Estado Judeu*, do primeiro grande sionista político chamado Theodor Herzl, de 1896. Nesse livro, do século retrasado, o Herzl diz que os judeus têm duas

escolhas: se assimilam ou vão para o gueto. E, no fundo, a escolha, no caso do Herzl, era dos judeus, das sociedades europeias. O problema que a lei francesa hoje coloca é que a França está dando essa opção para o seu cidadão muçulmano: ou você assimila - e assimilar significa "deixar de ter a sua religião", o que para muitos não é nem uma escolha - ou você vai para o gueto. E ir para o gueto significa que o cara está em uma situação fácil para ser recrutado pelos malucos do Estado Islâmico. É o mesmo processo que, mal comparando, se vê nas favelas do Rio ou de São Paulo. O cara não tem perspectivas, não tem nada, não tem acesso às coisas básicas e a identidade dele está associada àquilo. Aí dizem a ele: quer ganhar um dinheiro, ser traficante de droga? Você vai ter uma metralhadora, vai ter as mulheres que quiser... O cara vai. Quando eu disse que os atentados terroristas dos últimos anos foram cometidos por cidadãos franceses, britânicos, etc, é pelo simples fato de que aqueles que estão aí estourando tudo e causando um grande pânico na Europa não são os muçulmanos que estão vindo da Síria, são pessoas que passaram por esse processo dentro de suas próprias sociedades. O que hoje tem uma conotação religiosa.

TÚLIO KAHN: Às vezes é fácil criticar quando o problema não está na nossa porta. Eu até concordo com as sociedades ocidentais em relação à imigração, a abrir ou fechar fronteiras, esse tipo de coisa, mas vamos pegar o caso do Oriente Médio, por exemplo. Na Faixa de Gaza foi eleito o Hamas, cuja proposta não é trocar a paz por territórios, mas jogar os judeus para a mesma condição em que tinham antes de 1947. Muitos criticam a solução da construção do muro na fronteira com o México, feita pelos Estados Unidos, mas em Israel, a adoção dos checkpoints



fez cair em 80% os atentados em Telavive. Os ônibus não estão explodindo aqui em São Paulo, estão explodindo lá.

GUILHERME CASARÕES: Eu posso apontar que talvez exista uma questão de causalidade. Não foi um muro que parou o terrorismo. Todo surto de atentados terroristas, principalmente num processo localizado como era o de Israel e os palestinos, tem um ciclo de começo, meio e fim. A primeira Intifada durou cinco anos, entre 1987 e o final de 1991, com o Acordo de Madri; e a segunda durou cinco anos. É um processo que vai, em algum sentido, esbarrar na própria ineficácia da solução apresentada ali. Então, durante um tempo, os palestinos, de várias colorações inclusive, acreditavam que atentados terroristas e suicidas poderiam levar ao objetivo final que é o fim da ocupação militar que ocorre na Cisjordânia, e em ampla medida na Faixa de Gaza, ainda que se discuta se é bloqueio ou ocupação. Mas na prática há muitos estudos mostrando que o muro não pode ser tomado como uma variável que explique o fim do terrorismo vindo da Cisjordânia. Ou pelo menos não mais do que o fato de que as próprias autoridades do Hamas ou da própria Autoridade Palestina terem constatado que aquilo não funcionou, que no fundo estava sendo pior para eles do que manter o ritmo de atentados terroristas ali.

Agora, uma questão interessante. Eu posso dizer, em alguma medida, que foi não o muro, mas o fato de ter ocorrido eleições em 2006 que acabou com a disposição dos palestinos de fazer terrorismo contra Israel. Mas por que as pessoas são céticas contra democracia? Porque ela simplesmente não funcionou. Dá para fazer democracia sob ocupação militar? Estou fazendo uma pergunta sincera. Não dá.

Não tem como. Se a gente inverte a discussão e considera - eu não sei se é a resposta - que a ocupação é a causa, não a consequência, talvez a gente leia o problema de outra maneira, entendendo que se Israel sai - de novo, eu não sei se isso vai acontecer - mas eu tenho a intuição de que na hora em que Israel sair da Cisjordânia...

TÚLIO KAHN: Saiu de Gaza.

GUILHERME CASARÕES: Mas em Gaza foi outro processo. Alguém aqui já foi a Gaza? O problema ali é que você está falando de uma região absolutamente excepcional, de IDH baixíssimo, e as causas estão muito além do Hamas, vieram antes do Hamas. Mas só para concluir essa reflexão: eu entendo que a segregação, por vezes, funciona. E o muro é uma prova disso. Ou funciona parcialmente. Mas se a gente for pensar que o muro não impede pessoas entrando com facas em Israel, se elas tiverem um foco lá, estiverem dispostas a continuar fazendo isso, esfaquear as pessoas, etc, talvez o muro não explique tudo. Se você constrói um muro, mas não resolve o problema original de dois Estados que não se criaram...



LUIZ ALBERTO MACHADO: Tenho duas questões que estão muito interligadas. Tudo isso aqui parte do pressuposto do fim de um mundo bipolar. Porém, tem um gigante que não para de crescer e fica calculando quando vai sobrepular os Estados Unidos, se em 2030, em 2029, em 2028. Não existe uma perspectiva de a China se transformar numa potência e discursos como o do Trump se tornarem ainda mais sustentáveis para boa parte da população americana? O filme *Nova York Sitiada* é espetacular. O que acontece quando todo cara que tem fisionomia árabe passa a ser um terrorista em potencial? Está todo mundo preocupado com a questão da islamização, com o terrorismo, e a China continua correndo por fora. Isso não pode se transformar numa outra bipolarização?

GUILHERME CASARÕES: Pode e eu acho que vai.

HÉLIO MICHELINI: Posso aproveitar? Duas vezes na história o Japão se submeteu às diretrizes impostas pelos Estados Unidos. A mais conhecida foi após a Segunda Guerra Mundial, mas 100 anos antes eles já tinham feito isto porque o Japão havia se fechado por quase dois séculos, dizendo não ao comércio

externo e dizendo não ao diálogo com os seus vizinhos. E a pedido do presidente Millard Fillmore foi enviado ao Japão um navio cheio de armas que submeteu o Japão: “Olha, esta lei que vocês têm há dois séculos, de fechamento do comércio externo, tem que ser revista e vocês devem se abrir ao mundo”. Como o Japão não tinha condições técnicas de responder àquilo, se submeteu. Na época os Estados Unidos disseram a eles para se abrirem e hoje se fecham. Vejo que o Japão, hoje, está vivendo um problema enorme com o expansionismo chinês. A China sempre foi um império em si mesmo, se bastava, mas nos últimos 30, 40 anos, ganhou o mundo. Dentro dessa sua análise um pouco austera eu enxergo - e quero saber se você também enxerga - como o foco de conflito mais perigoso a discussão entre Coreia do Norte e o Japão, China e Japão. Eu vejo o Japão, de todas as formas, tentando se proteger do esvaziamento da proteção americana. Se isso está acontecendo, como o Brasil se posiciona em relação a isso?

GUILHERME CASARÕES: Vou tentar responder às duas perguntas. Eu vejo o futuro do futuro bipolar, mas não com o mesmo tipo de bipolaridade que se teve na época da Guerra Fria. Primeiro, porque dificilmente ela vai se bastar nos mecanismos de dissuasão nuclear que se tinha na Guerra Fria. Talvez a gente não viva esse temor permanente, de uma guerra nuclear, porque as potências que surgirão nesse novo mundo bipolar já nascem integradas, em larga medida. A China hoje é maior detentora de títulos da dívida pública americana. Na medida em que são os principais parceiros um do outro, acho muito pouco provável que a gente venha a ter uma estrutura rígida como aquela que vimos na Guerra Fria. Desde que seja estável, não



tem que ser dura. O momento mais próspero da Guerra Fria, aliás, foi quando relaxaram-se as relações entre a União Soviética e os Estados Unidos, na década de 1970.

Talvez não seja o caso de termos uma bipolaridade rígida, sem contar o fato de que os chineses são uma péssima escolha para se pensar num inimigo comum da América ou do mundo ocidental. Porque embora eles pertençam a uma civilização diferente da nossa, sejam até fisicamente diferentes daquela ideia estereotipada do ocidental, a China não tem pretensão de hegemonia ideológica - a União Soviética tinha, infiltrava gente do Partido Comunista por em todo lugar. A China não quer fazer isso. A China não tem nenhuma pretensão de impor o seu modelo de democracia, ou do que eles chamam de Democracia Popular Chinesa, que não funciona em lugar nenhum do mundo. E a China nasce e se beneficia de um sistema que os Estados Unidos da América criaram. A Revolução Russa nasce como oposição ao sistema capitalista vigente. A China nasce como potência dentro do capitalismo. Mesmo que não fosse integrada aos Estados Unidos, ela renasce dentro do capitalismo. O que significa que o que a gente vê hoje da China é a ascensão de uma potência em larga medida pacífica. O risco que a China apresenta ao mundo não é de ordem militar. Há potencial de conflito? Sim, mas a gente sabe que grande parte dos conflitos que a China está disposta a bancar tem a ver com o fluxo de petróleo e as fontes de energia do Mar do Sul da China. É problema no Estreito de Málaca, é o petróleo que vem da Arábia Saudita ou do Sudão.

Eu, pessoalmente, não caio no discurso pacifista chinês como se eles fossem um bibelô, não é isso. A China é um país que tem potencial militar. A China tem um poder econômico que está dominando o mundo muito rapidamente. Tomou

de assalto o Brasil, inclusive. Você pega o nosso agronegócio hoje, está superconectado à China. Grande parte da nossa capacidade de comércio hoje sustenta-se em cima da China. Então, não é que a China seja pacífica por vocação, mas é só porque o crescimento chinês está tão atrelado à própria dinâmica do capitalismo que a única ameaça que a China pode representar para o mundo também está ligada ao capitalismo, que é a depredação ambiental. A China não está nem aí para isso. Desde que o chinês de classe média tenha o seu telefone, carro, comida no prato, se o mundo vai ficar mais poluído ou mais quente, se as minas vão ser mais sustentáveis ou não, isso não interessa. É um problema ambiental que a China pode causar no futuro. Se ela continuar crescendo, agora que acabou a política do filho único, acima do ritmo das sociedades civilizadas ocidentais, a gente não vai ter mais comida para saciar as bocas dos chineses daqui a 30, 40, 50 anos. Se colocamos a Índia nessa equação e pensa nos dois juntos, então acabou.

Então, eu não acho que a maior ameaça ao Japão seja de ordem militar. O Japão está muito doído pelo simples fato de que ele está vendo se esvaír uma relação de meio século que tem nos Estados Unidos. Em relação à segurança, os Estados Unidos certamente não bancarão o Japão numa eventual guerra envolvendo a China, pelos laços que os chineses têm com os Estados Unidos. E os japoneses também estão muito doídos porque deixaram de ser a segunda economia do mundo. A nossa infância foi assistindo Jaspion na televisão, lendo mangá e imaginando o futuro do mundo no Japão. E não só a nossa infância, mas eu acho que o imaginário coletivo de muita gente que presenciou o fim da Guerra Fria era aquela expectativa de ver um Japão ascendendo e se transformando na grande economia do

mundo. Falava-se inclusive em Pax Nipônica, substituindo a Pax Americana.

A capa de um livro do Paul Kennedy é o Japão subindo para primeiro lugar. Imagina o que, para o Japão, não deve ter sido frustrante ter em 30 anos chegado ao auge do seu potencial. Oito dos dez maiores bancos do mundo eram japoneses em 1987. Na época, o PIB japonês correspondia a 75% do PIB americano. Hoje a China é a segunda economia do mundo e o PIB chinês corresponde a 60% do PIB americano, mais ou menos. O Japão poderia ter sido a segunda potência no mundo. Poderia ter construído uma grande ordem ocidental com os Estados Unidos. Não segurou. O que matou o Japão? Duas bolhas econômicas, uma atrás da outra, em 1991 e 1997. Acabou, eles nunca mais foram os mesmos.

ROGÉRIO SCHMITT: Eu gostaria de voltar para a questão do choque de civilizações. Você realmente acha que não existe nada específico na civilização islâmica que explique a intensidade do conflito, por mais localizado que seja, com o Ocidente? Você falou das condições extremamente pobres em que vivem descendentes de imigrantes árabes nas periferias das grandes cidades, mas nessas mesmas periferias vivem descendentes de imigrantes asiáticos, africanos, e nesses grupos não acontece o uso do recurso do terrorismo.

GUILHERME CASARÕES: Fala-se muito da questão religiosa como se ela explicasse realmente todos os problemas pelos quais a gente passa e o Islã é frequentemente é apontado como a grande causa. Existem peculiaridades no Islã? Existem. Acho que a mais importante delas é o fato de que grande parte dos muçulmanos, além de serem muito pobres, se volta à religião quando a religião é uma saída que existe para

o processo de deterioração econômica. Basta comparar, por exemplo, com o que está acontecendo no Brasil nos últimos 30 anos. Como se explica o crescimento da população evangélica, principalmente pentecostal e neopentecostal no Brasil, de 8%, em 1980, para 26% no último Censo? É um processo sociológico ao qual se soma um processo de perdas econômicas. Podemos dizer que nos anos 1980 estávamos crescendo economicamente. Mas o crescimento de renda não correspondia à distribuição de renda. Então, o Brasil ficou mais desigual nesses últimos tempos e exatamente a parte mais baixa da população que foi aderindo à religião como tábua de salvação. Há uma correlação muito forte, que já foi estudada - há dados mostrando a correlação altíssima entre renda e crescimento da população evangélica no Brasil nesses últimos 30 anos.

Se você parte do pressuposto de que entre os lugares mais pobres do mundo estão os países do Norte da África e do Oriente Médio - não estou pensando na Arábia Saudita, no Golfo ou no Qatar, mas na Síria, Líbano e no Iraque - é também verdade que as pessoas, na medida em que precisem de algum amparo para enfrentar as dificuldades econômicas, se prendam à religião. Então posso entender, por exemplo, a partir dessa luz, uma espécie de radicalização religiosa. O que é muito próprio do mundo islâmico porque lá você tem a combinação de variados graus de pobreza e uma religião à qual você pode recorrer.

Por que isso não acontece na Ásia? Porque o budismo ou o confucionismo, que não é bem uma religião, ou porque as religiões animistas da África não oferecem a mesma alternativa de salvação teológica, vamos dizer, do que o Islã. O confucionismo, por exemplo, como filosofia, ou o budismo, em que há uma rede social muito mais

limitada, não oferecem um sistema de proteção social que o Islã oferece. O Islã desempenha entre as populações pobres muçulmanas um papel parecido com o que a Igreja Católica desempenhou durante muito tempo, sendo a tábua de salvação econômica de muita gente que não tinha para onde recorrer - ia para a Igreja. E o que os evangélicos fazem, em grande medida, criando uma rede social que ampara as pessoas. Em algum momento funciona bem, ela se reforça.

Porque, obviamente, se você é evangélico e acredita que Deus operou um milagre em você, está mais rico por causa de Deus, você vai começar a atrair pessoas para a religião também, é um processo natural. Eu diria que o Islã foi a religião na qual se reuniram mais condições econômicas e sociais que permitiram radicalismo e intolerância. Dizer que o Islã, como um todo, é intolerante é equivocado. Dizer que no Islã há focos de radicalismo que têm se alastrado mais e mais é correto. Agora, esse radicalismo não pode ser tirado do contexto. Ele não pode ser essencializado na própria religião. Não é um problema do Alcorão. É um problema de fatores que, em conjunto, levaram a essa radicalização. Se você é um refugiado sírio que vê uma guerra civil acontecer no seu país e sai correndo para a Europa e a única coisa que você tem, quando chega - porque lá ninguém te quer - é a mesquita da esquina, você vai para a mesquita. E se nessa mesquita as pessoas te confortarem, dizendo coisas que reforcem a sua identidade - seja muçulmano, se prenda mais à religião - as pessoas vão fazer.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Eu acho que o Estado Islâmico se vale disso...

SERGIO RONDINO: Posso colocar a pergunta final? Por que não se vê na comunidade islâmica - em que, como se diz, 95% dos muçulmanos são gente boa, contra o terrorismo -, uma só manifestação nas redes sociais atacando o terrorismo?

GUILHERME CASARÕES: Você não está vendo nos lugares certos.

SÉRGIO RONDINO: Não. Você não vê nada. Quando você tem um atentado, aí alguns clérigos vão lá e rezam pelas vítimas. Estou falando de militância contra o que está destruindo a religião muçulmana, porque está dando uma ideia errada dela. Não tem. Eu não vejo. Estou perguntando por que isso não acontece.

GUILHERME CASARÕES: Porque grande parte dos países muçulmanos é profundamente autoritária e não se pode militar por nada nesses lugares. O Iraque do Saddam Hussein não era um lugar onde você podia simplesmente sair na rua falando que era contra o terrorismo ou qualquer coisa.

SERGIO RONDINO: Como se vê, o tema gera bastante polêmica. Agradeço a vocês mais uma vez pela participação e especialmente ao professor Guilherme Casarões. Muito obrigado.

Presidente

Guilherme Afif

1º Vice-presidente

Vilmar Rocha

2º Vice-presidente**Diretor de Relações Internacionais**

Alfredo Cotait Neto

Secretária

Alda Marco Antonio

Diretor Superintendente

João Francisco Aprá

Conselho Superior de Orientação**Presidente** - Gilberto Kassab

Guilherme Afif

Henrique Meirelles

Omar Aziz

Raimundo Colombo

Otto Alencar

Claudio Lembo

Ricardo Patah

Vilmar Rocha

Guilherme Campos

Robinson Faria



Fundação para Estudos e Formação Política do PSD

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS - Coleção 2017 - "Choque de civilizações"**ESPAÇO DEMOCRÁTICO** - Site: www.espacodemocratico.org.br Facebook: **EspacoDemocraticoPSD** Twitter: **@espdemocratico**

Coordenação - Scriptum Comunicação - Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)

Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Fotos - Scriptum e Shutterstock



www.espacodemocratico.org.br